JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS

JL

Ano XXXIII • Número 1111 • De 1 a 14 de maio de 2013
• Portugal (Cont.) €2,80 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Vasconcelos

DESENHO DE JOÃO ABEL MANTA

36 textos de atuais e antigos cronistas do **JL**, com 1111 carateres

PÁGINAS 6 A 13

JOANA VASCONCELOS
Por artes nunca de antes navegadas

O JL revela a instalação que estará na Bienal de Veneza – num cacilheiro, Pavilhão de Portugal. Entrevista, a propósito, com a artista, que fala também do seu percurso e de toda a obra, quando a sua mostra na Ajuda bate recordes de público. O 'fenómeno' Joana Vasconcelos analisado com especialistas PÁGINAS 18 A 24

MARCOS BORGA

jornaldeletras.sapo.pt • 1 a 14 de maio de 2013 / JL

Joana Vasconcelos
Em Veneza, num cacilheiro

Na próxima sexta-feira, 3, zarpa ("atrelado"...), rumo a Veneza, o cacilheiro Trafaria - Praia, que para o efeito restaurado servirá de Pavilhão de Portugal na prestigiosa Bienal daquela cidade italiana, sala expositiva e palco de uma nova *objetivamente* "grande" obra/intervenção da artista portuguesa atual de maior sucesso europeu e até mundial. Depois do êxito em Versalhes, onde foi o primeiro artista não francês a expor, e quando tem no Palácio da Ajuda uma individual que em um mês já teve mais de 43 mil visitantes, com entradas pagas a dez euros, Joana Vasconcelos revelou em primeira mão ao **JL** o que leva a Veneza e em entrevista fala-nos não só deste seu novo trabalho como de toda a sua obra e atividade criativa. Ao mesmo tempo, tentamos desvendar as razões do *fenómeno* que já é e ouvimos a esse propósito e da sua arte, sobre parte da qual os juízos se dividem, Bernardo Pinto de Almeida, Miguel Amado, Nuno Faria, Paulo Cunha e Silva e Teresa Cruz

Luís Ricardo Duarte (texto)
e Marcos Borga (fotos)

P

Poderia ser um navio igual aos outros, ali estacionado entre o poderoso Ajax e o discreto Madragoa. Mas não. Este Trafaria-Praia, que agora se apresenta de cara lavada, ele que já esteve condenado ao abate, é provavelmente o mais ousado projeto artístico que Portugal viu nascer nos últimos anos (ver caixa). E terá honras de representação oficial na glamorosa Bienal de Veneza, que abre portas a 31 de maio. Zarpará na próxima sexta-feira, 3, das águas do Tejo em direção à mítica cidade italiana. Dez jornadas de viagem pelo menos, que culminarão uma odisseia que Joana Vasconcelos nem sempre julgou possível. Começou a trabalhar quando ainda nem sabia como haveria de pagar aos funcionários - não só artísticos mas também navais - e desde então tem recebido os mais diversos apoios, dos institucionais aos afetivos. E esse talvez seja o segredo da sua obra. O sentido de aventura, uns quantos pós de monumentalidade, o tempero da autoestima e a força de vontade que supera obstáculos e quebra barreiras. Ingredientes que juntou, numa escala industrial, no projeto que leva a Veneza. Um navio para comunicar com o mundo. Igual a tantos outros. Mas português. Entrevista a bordo do Trafaria-Praia, bem perto do fundo do mar, no interior de uma obra de arte.

Jornal de Letras: Olhando para a agitação dentro deste barco, com operários navais e *staff* artístico, parece que está a construir uma galeria e uma peça ao mesmo tempo.
Joana Vasconcelos: Mais do que construir uma galeria, que tem uma arquitetura própria, é intervir num espaço muito particular, com especificidades técnicas das quais não podemos fugir. É de facto um ambiente diferente, com condições especiais.

E mais criativas?
Não sei. Este é um projeto *site specific*, pensado para este espaço. A diferença em relação a uma galeria vem também de o barco abanar e envolver outras áreas.

A metodologia de trabalho deve ser muito diferente.
Isso sim. O lado orgânico do projeto e a sua relação com o mar - na sala do primeiro piso é como se entrássemos no fundo do mar - está intimamente ligado com o barco, ou melhor, com o navio.

Estou a ver que já aprendeu a terminologia dos marinheiros.
Já, já. Barcos não existem, só navios.

Tem sido uma grande aprendizagem?
Imensa. Temos descoberto um universo que não nos pertence, com muitas particularidades, sobretudo na maneira de pensar e gerir este tipo de embarcação. Tudo isso tem contribuído para o resultado final.

É um confronto de linguagens muito radical.
Acima de tudo, encontrámos pessoas muito interessantes, nomeadamente o navegador luso. Aquele português que ia nas caravelas e que vê neste projeto o mesmo sentido de aventura.

Como surgiu a ideia de navegar de cacilheiro até Veneza?
Quisemos fazer uma coisa diferente e fugir à representação clássica, com um espaço, um comissário, um artista e várias obras.
Em relação a essa metodologia, este projeto é completamente anárquico. Aqui, o espaço é ele próprio a obra. E é esse *mix* que nos interessa, integrando os *inputs* que o barco nos deu.

Mas a ideia do cacilheiro surgiu logo de início?
Foi uma escolha conceptual. O cacilheiro é uma marca identitária de Lisboa e de Portugal, mas tem ao mesmo tempo um cariz internacional. Há *ferries* em muitos países do mundo. Não é um iate, nem é luxuoso. É um meio de transporte comum, que toda a gente usa, quer no meio da Amazónia, quer no interior da Índia. Um barco simples para mercadorias e passageiros, local e simultaneamente global.

Foi essa dupla identidade que lhe interessou?
Sim. E fazer parte do imaginário coletivo. Não estamos a brincar à representação de Portugal em Veneza. Estamos a falar das pessoas que usaram este cacilheiro, de Lisboa, do Seixal, da Trafaria, de identidades múltiplas. Na sua base conceptual, este projeto tem ainda em conta as relações de Veneza com a nossa História. Acima de tudo, fugimos à ideia de embaixada.

Em que sentido?
O cacilheiro não quer ser só a representação artística da Joana Vasconcelos. É um espaço aberto ao diálogo e ao confronto com o Outro. Para isso, delineámos uma programação, com outros artistas e músicos, para pensar Portugal a partir de várias perspetivas, sempre com uma dimensão multicultural.

Que, aliás, tem trabalhado em vários projetos.
Sim. Mas muito importante neste projeto foi a intervenção que fiz em Gaia, onde renovei o andor de São Pedro da Afurada. Na ocasião fui levada por um mestre de uma grande traineira da Afurada à barra do porto, onde ainda hoje muitos marinheiros morrem. Fiz esta viagem na semana a seguir a ter estado em Versailles e foi aí, dentro do barco, a fazer uma exposição sobre e com pescadores, que pensei: este é o meu país, esta gente que vai e morre no mar. Não sei se foi a emoção, mas a Afurada mexeu comigo. E percebi que tinha de falar dessa coisa louca e portuguesa de procurar no mar uma saída e uma esperança. Por isso, o barco pareceu-nos a coisa mais natural do mundo para quem sonhava há tanto tempo com uma navegação intelectual até Veneza. Encontrámos inspiração nesta coragem portuguesa de enfrentar outros mundos sem nunca largar o que é nosso.

CORAGEM E AUTOESTIMA
Considera este um projeto artístico corajoso?
Acho que sim. Não só da minha equipa, mas de todas as pessoas envolvidas. É um projeto corajoso do país. E só tem sido possível porque várias entidades o têm apoiado. Falo de ministros, secretários de Estado, presidentes de câmara e de juntas de freguesia, mas também de pessoas comuns, como uma médica reformada que nos deu mil euros porque apanhava todos os dias o Trafaria-Praia para o trabalho.

Teve outras ofertas surpreendentes?
Ligam-nos muitas pessoas a oferecer coisas. E temos beneficiado de descontos incríveis por parte dos patrocinadores. Na cortiça, nos azulejos, no café. As empresas grandes não só ajudam com dinheiro, como com materiais. Nem precisamos de pedir lá fora, porque nós, portugueses, temos de tudo. E somos capazes de tudo. O projeto tem sido possível porque as pessoas acreditam nele.

Para si, nada é impossível?
Claro que há impossibilidades, mas gosto de desafios em que somos obrigados a superar as nossas capacidades, a ir mais longe, a puxar pela criatividade. E apesar de estarmos habituados a um certo ritmo, com este projeto fomos obrigados a sair da nossa zona de conforto, como hoje se diz. A lidar com coisas completamente novas e a adaptarmo-nos. O que nos faz crescer é conseguir superar os obstáculos que por vezes criamos na nossa vidinha e nos nossos meios.

Qual é atualmente a sua maior dor de cabeça?
Pagar as contas até ao fim. Os aspetos logísticos estão todos tratados, inclusivamente em Veneza. Tínhamos três grandes incógnitas em relação à Bienal. Se iam permitir o barco na laguna, quanto iam cobrar pela alocagem e se poderíamos navegar durante o dia. Conseguimos tudo. Sem o entusiasmo da Bienal nada disto teria sido possível.

Vai escrever um livro a explicar como se consegue mobilizar tanta gente e tantos apoios? Daria jeito a muitos ministros...
Estas coisas vêm do coração, não são ensináveis ou reproduzíveis. Se calhar, nunca mais na vida vamos conseguir fazer um projeto destes. E também há coisas que não controlamos. Criamos a oportunidade mas ela só se concretiza porque existe a vontade de um grupo. Sempre disse que vamos fazer este projeto até onde conseguirmos. Quando não for mais possível, paramos. Eu sou apenas o motor de arranque. E quando ainda nem sabíamos como íamos pagar tudo, já havia pessoas dispostas a trabalhar. Com todos os problemas que o país atravessa, é incrível ter estes apoios todos.

Sente que este projeto levanta a autoestima dos portugueses?
Sim. Mostra que mesmo com poucos recursos - e este barco estava para abate - é possível fazer muito. Não é propriamente fazer muito com pouco, porque o projeto envolve uma produção com custos muito elevados. Mas nada disto é feito por capricho, por arrogância ou por partilharmos uma visão tradicionalista. Estamos a fazer com contemporaneidade e com aquilo que temos à mão. No fundo, com materiais muito simples: cortiça, azulejos e têxteis.

O QUE É NACIONAL É BOM
Esses são materiais tipicamente portugueses. Há no seu trabalho uma reflexão sobre a portugalidade?
Há porque sou portuguesa. Como posso falar de mim sem falar de Portugal? As minhas obras são um reflexo artístico do que sou. E eu sou de Lisboa. É a minha base de inspiração. Mas isto não quer dizer que o resultado seja Portugal. O meu objetivo é comunicar uma ideia de futuro, gerar um discurso universal. Por isso é que temos de estar abertos ao Outro. A contemporaneidade tem de ser maior do que Portugal. Já não vivemos em Portugal para os portugueses. Vivemos em Portugal para o mundo.

É por isso que usa objetos muito tradicionais em situações pouco convencionais?
Sim, interessa-me esse conflito. Não podemos ficar fechados sobre a nossa identidade. Temos de valorizar essa identidade mas criar um discurso aberto. Só assim é possível comunicar com outras culturas.

Como é que essa ideia se articula neste projeto?
Estes materiais são nossos, todos os conhecemos. Mas um turco também os reconhecerá, reconhecendo ao mesmo tempo uma forma diferente de os tratar e pensar. A forma portuguesa. Nesse momento, esse turco vai comunicar com estes materiais a partir da sua cultura. E eis que começa a comunicação.
Durante muitos anos, esses

> **Encontrámos inspiração nesta coragem portuguesa de enfrentar outros mundos sem nunca largar o que é nosso**

> **Aqui, o espaço é ele próprio a obra**

> **Gosto de desafios em que somos obrigados a superar as nossas capacidades, a ir mais longe**

> **Como posso falar de mim sem falar de Portugal? As minhas obras são um reflexo artístico do que sou. E eu sou de Lisboa**

> **O mundo é muito vasto e infinitas as aventuras que nele se pode ter. Há sempre qualquer coisa extraordinária que ainda pode ser feita**

materais foram apresentados como tipicamente portugueses. Ao usá-los procura novos sentidos?
Não queremos ser castiços, rurais, tradicionalistas ou provincianos. Mas também não temos preconceitos em relação ao que nos identifica. Além disso, estes são materiais de grande qualidade. Ajustam-se na perfeição a este projeto. É também uma questão prática. O azulejo é uma excelente matéria para cobrir edifícios. Está provado há séculos. É fresco, limpo, bonito, super-resistente e permite desenhar por cima. Claro que poderia recorrer a outros materiais para revestir este barco - fibra? vinil? - mas seriam sempre piores. E não seriam portugueses. Temos medo de assumir o que é nosso, reconhecer que em imensas coisas temos a melhor escolha. Como a cortiça. Impermeável e resistente, com um aconchego importante numa estrutura industrial como a do navio.

Há algum material com o qual gostaria de trabalhar mas ainda não teve oportunidade?
Nenhum projeto parte dos materiais. São os materiais que têm de se ligar ao projeto. É uma junção difícil de fazer. Por exemplo, disseram-me para pôr muitos adereços nos sapatos, mas percebi que só podia usar panelas [referência à escultura *Marilyn*, dois enormes saltos altos feitos só com panelas metálicas]. Nada mais. Este barco pedia materiais simples e orgânicos, ligados a um lado mais natural. Batem certo com o conceito.

Esta presença em Veneza coincide com uma grande exposição na Ajuda e surge na sequência da de Versailles, no ano passado, e na do CCB, de 2010. Está a viver sucessivos *annus mirabilis*?
Confesso que sim. E perguntamo-nos sempre: o que vamos fazer a seguir? A verdade é que o mundo é muito vasto e infinitas as aventuras que nele se pode ter. Há sempre qualquer coisa extraordinária que ainda pode ser feita. No entanto, quando fiz há três anos a exposição no CCB estava longe de imaginar que hoje estaria a preparar um projeto com estas características. E já fiz a Torre de Belém, a Ponte D. Luís e exposições na Ajuda e em Versailles. Em cada novo projeto tento fazer o melhor possível, ir sempre mais longe, por muito que isso agrade a uns e desagrade a outros. É esta ideia de contemporaneidade, de olhar para o passado e perspetivar o futuro, criando um discurso aberto, que me move.

Continua a trabalhar 'sem rede', como sugeria o título da exposição do CCB?
Sempre. Começámos com muito pouco, sem certeza de virmos a reunir tantos apoios. E não tínhamos o peso institucional do CCB e do Museu Berardo. Tínhamos sim um país muito pior, com uma grande instabilidade política e económica. Atiramo-nos para cada projeto com o coração nas mãos. Mas já estamos habituados.

O que quis mostrar desta vez na Ajuda?
Ao contrário do CCB, a Ajuda tem um contexto muito forte. Não é só expor uma obra ou estabelecer relações entre peças. É preciso ter em conta a história do palácio e o seu interior. Nesse sentido, superou a experiência de Versailles, já que a Ajuda tem um lado privado. Em França, só pude expor nos espaços públicos do palácio, porque as outras estão despidas de objetos. Aqui parece que os reis foram de férias e que vão voltar a qualquer altura. O quotidiano real e os objetos pessoais introduzem uma vivência muito forte. Além disso, na Ajuda defronto-me com a nossa História. Tudo isto fez-me olhar para a exposição de Versailles, que também não queríamos reproduzir, de uma forma diferente. Há uma parte da minha obra que nunca tinha sido mostrada, como os crochés. São peças que entram sem afirmar a sua presença. Diluem-se no palácio como se estivessem lá desde sempre.

A ESCALA DO SUCESSO

A exposição da Ajuda tem tido milhares de visitantes. Ficou surpreendida?
Sim e não. Por um lado, estava à espera porque Versailles gerou uma curiosidade muito grande. Por outro, sei que estamos a viver uma época difícil. Por isso fiquei alegremente surpreendida com o interesse das pessoas e com a sensação de que precisam deste tipo de projetos para saírem um pouco da opressão e das dificuldades em que vivem. É incrível ver como o nosso trabalho pode dar um pouco de alegria e esperança.

Há também no seu trabalho uma componente lúdica. É ela que explica o público cada vez mais alargado que tem?
O importante, para mim, é gerar

Dentro do cacilheiro

"É como se o navio transportasse, em si, um espelho de onde vem", diz Joana Vasconcelos, sobre o painel de azulejos que reveste o exterior do Trafaria-Praia, o cacilheiro com o qual representará Portugal na 55.ª Bienal de Veneza. No painel, mostra-se Lisboa, "a paisagem de origem", vista a partir do rio, numa reinvenção do *Grande Panorama de Lisboa*, de Gabriel Del Barco, que apresenta a cidade, dessa mesma perspetiva, antes do Terramoto de 1755.

A ideia de representação de uma certa identidade nacional abrange, de resto, todo o projeto artístico - desde o navio enquanto símbolo da relação de Portugal com o mar até à escolha dos materiais usados: azulejo, cortiça e têxteis. Mas a perspetiva não é a da mera afirmação. É a de quem busca, com as suas obras, o "confronto" e a "comunicação" com o Outro.

"O painel põe Lisboa e Veneza em confronto. Quando estamos num *Vaporetto*, vemos Veneza a passar, e é como se fosse, ela própria, arte. Com o Cacilheiro da Joana acontece o oposto: de um lugar fixo de Veneza, vemos 'correr' a paisagem de Lisboa", nota Miguel Amado, comissário do projeto.

Já a bordo do Trafaria-Praia (todo revestido de cortiça), no primeiro piso, pode ver-se uma instalação têxtil. Ou melhor: mergulhar. É que a artista quis criar um ambiente que fizesse com que o visitante se sentisse "no fundo do mar" ou "dentro da boca de um grande peixe". Das paredes e do teto da sala - cobertos de *patchwork* de diferentes tecidos e costuras (croché, bordado de Niza, etc.) -, saem múltiplas formas, também trabalhadas em tecido, e iluminadas por pequenas *leds*. Tudo em tons de azul.

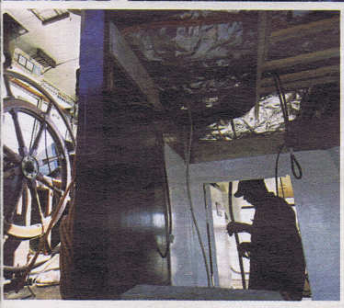
Até 3 de maio, o dia da partida para Veneza, é preciso afinar pormenores. E não há tempo a perder. Enquanto os operários da Navaltagus andam de um lado para outro, numa azáfama de soldagens e marteladas, Joana Vasconcelos e a sua equipa não dão descanso aos tecidos. "Esta parte do teto está muito vazia. Precisa de umas franjas", nota a artista. E assim vão preenchendo os 'espaços em branco', com o intuito de transformar a sala num "corpo vivo e orgânico". "*Mobydickiano*...", acrescenta o comissário.

No segundo piso, encontra-se a última das três intervenções do projeto. O palco, para o qual Joana Vasconcelos e Miguel Amado desenharam uma programação que inclui música, conferências e debates, e que completa o conceito do Cacilheiro. Ser, ao mesmo tempo, a obra artística de Joana Vasconcelos e o Pavilhão de Portugal. JL CAROLINA FREITAS

Cacilheiro Imagens da fase de contrução da peça-navio que Joana Vasconcelos levará a Veneza. Um projecto desenvolvido pela sua equipa artística e por vários trabalhadores da Navaltagus. No interior do primeiro piso, a recriação do fundo do mar, com têxtis e lâmpadas *leds*. No piso superior, um espaço para concertos e debates

discurso, pensamento, comunicação. É disso que se trata. A obra de arte é um espaço para se pensar o presente, o passado e o futuro. Nunca penso na componente lúdica. Se existe, ainda melhor. Mas não faço as peças a pensar nisso. Penso no lado estético, no belo, no conceito da obra, nos materiais. Às vezes confunde-se o lúdico com interação. O facto de se interagir com a obra não quer dizer que seja lúdica. Brincar com uma obra, isso sim, é lúdico, mas com a minha obra não se pode brincar. E ela também não brinca com o espectador. Interpela-o, obriga-o a relacionar-se fisicamente com ela. Mas essa é uma componente da escultura. Com a pintura, pelo contrário, apenas nos relacionamos conceptualmente ou através do olhar. Eu procuro esse confronto físico. E não tenho problemas que digam que sou interativa. Quero que o público se relacione com as minhas peças e que as complemente.

É redutor associar a sua obra à ideia de espetáculo?



As minhas obras têm um lado cénico muito forte, porque contêm movimento, som, cor, várias dimensões. E isso também tem a ver com um certo tipo de espetáculo. Mas na verdade sou uma escultora, num certo sentido até bastante clássica. Apenas recorro a uma dimensão contemporânea, hoje muito mais diversa e com mais meios e matérias. Como os integro na minha obra, ela aproxima-se de uma componente multidimensional que qualquer espetáculo tem.

Perguntamos isto porque a escala do seu sucesso é proporcional à polémica que as suas obras suscitam. Como lida com isso?
Lido bem. Sempre fui polémica. É uma dimensão que nunca excluí do meu trabalho. Quando se quebram barreiras, é porque elas existem e porque alguém as defende. E esse alguém fica sempre chateado quando as barreiras que defende são quebradas. Pôr o pé fora da fronteira preestabelecida, tentar alargá-la, é complicado mas tem sido a minha prática. E isso faz com que haja pessoas que aprovam e outras que reprovam. Mas uma coisa ninguém me tira: mais de 30 mil visitantes em 15 dias na Ajuda. Ou a marca da exposição mais visitada em Portugal, quando estive no CCB.

Que fronteiras tem quebrado?
A principal é não ter medo de ser quem sou. Não ter medo de ser portuguesa. Não ter medo de ser internacional. Não ter medo de ser portuguesa no estrangeiro e em Portugal. Como não tenho nenhum destes medos talvez afronte quem os tem e acha que é impossível não os ter.

Sente que não tem nada a provar?
Há sempre um lado de ser ou não ser boa artista. Mas eu faço parte das maiores coleções do mundo, já expus nos maiores museus do mundo e em locais de extrema exigência, não só artística como técnica. Já fiz a Bienal de Veneza em várias ocasiões, só me faltava a representação portuguesa. Em todos os projetos, em Portugal e no estrangeiro, passei com distinção o exame do profissionalismo. Se cá não me dão boa nota, o problema não é meu. E é normal e saudável que haja polémica. Só não aceito que se ponha em causa a qualidade ou o profissionalismo do nosso trabalho. Eu e a minha equipa já provámos que somos capazes. E estamos a prová-lo outra vez com este projeto, com o qual tentamos representar Portugal o melhor possível. Como temos feito sempre. JL